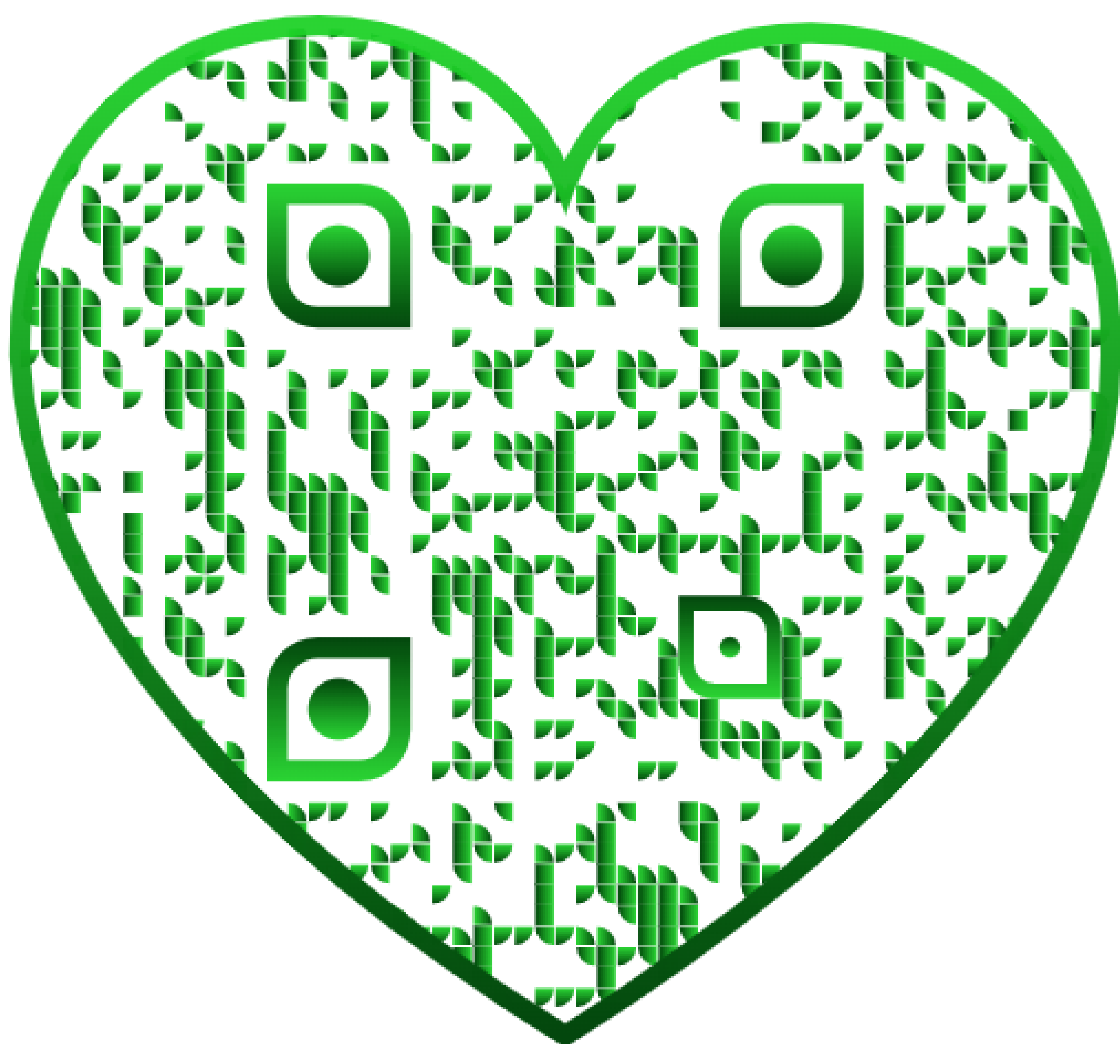
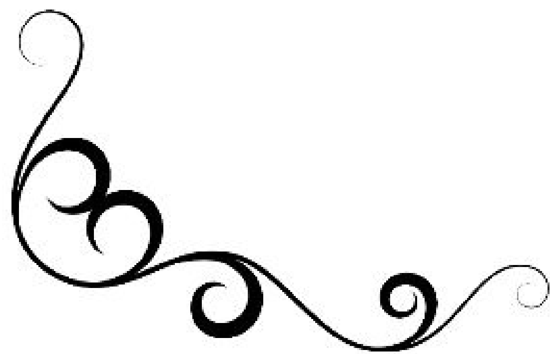
O faroleiro

J.V.LEITE





O Faroleiro

J.V.Leite

Todos os direitos reservados

1ª edição – fevereiro 2019

Título: O Faroleiro

Tipo de Suporte: E-book

Capa, revisão e diagramação: J.V.Leite

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O Faroleiro

Em um trecho traiçoeiro para navegadores, entre os oceanos Pacífico e Índico, em uma época do ano que as tormentas deixam o mar agitado e nevoeiros comprometiam a visibilidade, a embarcação que trazia minha família em meados de 1946, acabou perdendo seu referencial e se chocando com as rochas negras próximas ao continente.

A embarcação naufragou e cheguei à cidade de Passo Hill num bote salva vidas entre à vida e a morte, e se não fosse pelos cuidados do Doutor Andrew Ferneghan, com certeza eu não teria sobrevivido àquele trágico acidente. Na época, com apenas quatorze anos, eu era garoto franzino de cabelos e olhos claros, assustado demais por ser o único sobrevivente do naufrágio e temeroso em viver em um mundo desconhecido e sem os cuidados e a proteção daqueles que eu amava. Com uma perna quebrada e órfão de pai e mãe, recebi dos Ferneghan o carinho e a compaixão daquela família que resolveu me adotar, mas não legitimamente.

Doutor Andrew precisava de ajuda em seu consultório e a senhora Avrydas precisava cuidar do pequeno Thymoth, um garotinho de apenas oito anos e que não dispunha de boa saúde. Então os Ferneghan me abrigaram como um membro da família e fizeram de mim um homem honrado num mundo pós-guerra, onde eu havia perdido tudo. Andrew e Avrydas viraram meus pais, e Thymoth passou a ser meu irmão caçula. Eu cuidava dele e o protegia.

Aprendi com o homem que passei a chamar de pai tudo sobre primeiros socorros e cuidados básicos, como suturar um ferimento, colocar um ombro deslocado no lugar, fazer massagem cardíaca e arrancar um dente podre. Com minha nova mãe aprendi canções de ninar e a assar um belo rocambole de carne moída. Aprendi a cuidar de mim e das minhas próprias coisas. E aprendi a cuidar de Thymoth, passei amá-lo e a querê-lo bem. Thym era um garoto doce, gentil e sorridente, seus lábios vermelhos e cabelos pretos contrastavam com sua pele branca, quase leitosa.

Na cidade de Passo Hill passei a ser respeitado e reconhecido como um

Ferneghan, ajudava papai em seu consultório e mamãe com seus afazeres doméstico. Ajudava Thym em suas lições de casa e cantava para ele dormir. E apesar da saudade massacrante que sentia dos meus pais verdadeiros, me acostumei a tê-los apenas em lembranças, que cada vez mais parecia um borrão diante da minha nova vida.

Os anos se passaram e eu cresci. Tornei-me um homem de verdade, alto, forte e viril. E após a morte de papai, assumi a responsabilidade de homem da casa. Mas não foi apenas eu que cresci, Thymoth também cresceu, sua saúde melhorou consideravelmente e nós nos tornamos inseparáveis. Mas todo o amor fraterno que nos mantinham unidos no início de nossa convivência, começou a se transformar em outra coisa, algo que não conseguíamos controlar. Não era mais querer bem, era querer por completo, de corpo inteiro, de uma forma inexplicável e errada.

Era desejo.

Eu me tornara homem e Thymoth estava prestes a se tornar um também. Seu corpo mudava, seus pelos cresciam, seus músculos se desenvolviam e de repente ficar longe dele era uma tarefa árdua e dolorosa, assim como ficar perto. Era confuso. Não dava para evitar a vontade que se instalava em mim a cada vez que ele se aproximava, me abraçava e me dizia que me amava da forma mais singela possível. Algo que era puro e tóxico ao mesmo tempo, pois seu desejo por mim começou a aflorar na mesma medida. As reações do seu corpo quando estávamos próximos eram imediatas e ele não conseguia disfarçar.

Os cuidados e carinhos eram sobrepujados pela vontade e pelo desejo, e morar sob o mesmo teto que Thymoth e mamãe ficou impraticável. Dividir o quarto com Thymoth e senti-lo se aninhar em meu corpo durante as noites de trovões era uma tortura que eu não estava conseguindo suportar. O ímpeto de tê-lo não era mais saudável e a polução noturna começou a me tirar o sono quase que diariamente. Eu o queria, e mesmo que sentisse a recíproca de sua parte, jamais colocaria Thymoth numa situação tão complicada e delicada.

Foi então que, aos vinte e dois anos, eu me candidatei para o cargo de guarnecimento de um farol isolado de uma ilha inóspita. Eu precisava me afastar, por respeito à memória de papai, à nossa mãe, e mais ainda, para proteger Thym, pois eu não poderia lhe dar o amor que ele merecia, não era correto.

Era incesto.

Passei então a ser conhecido como Flynn, O Faroleiro, responsável pelo funcionamento e manutenção do farol da Ilha Pouce. A cada noite acendia as luzes que salvavam vidas de navegantes anônimos, que eu jamais conheceria um dia.

O farol deveria lançar um feixe de luz a cada 30 segundos emanando um raio luminoso com a potência de 140,000 velas a uma distância de 24 milhas, para guiar embarcações contornando a Ilha Pouce e a caminho de Passo Hill. Fui contratado para operar e realizar a manutenção do equipamento. Um trabalho simples, marcado pelo isolamento e longos períodos de solidão. Tinha uma casa, suprimentos e passava as noites lendo enquanto mantinha a vigília.

Aparentemente minha vida era solitária e pacífica, mas para sobreviver na Ilha Pouce tinha que lidar com um clima constantemente furioso, tempestades de vento cortante e o frio absoluto. Em Passo Hill eu me abastecia de suprimentos uma vez por mês, mas precisavam pescar e cuidar da horta para não faltar alimento. Realizava diariamente o mesmo trabalho braçal, maçante e repetitivo, mas que aos poucos definiu meu corpo me fazendo ter músculos proeminentes e uma saúde invejável. Na ilha meu único conforto era o espaço que habitava, uma casa grande e bem decorada, que abrigaria facilmente uma família inteira. Minha família, Thymoth e mamãe. Mas pelo bem de todos, era necessário que eu suportasse bem a solidão.

Mas toda a paz e solidão mudou no dia que eu tinha acordado mais tarde que o esperado. Saí correndo no caminho de pedras a fim abastecer de combustível o motor que aciona o farol, como era costumeiro, e voltei na mesma passada para casa, aliviado por ter conseguido cumprir minha missão a tempo, antes do sol finalmente resplandecer no horizonte.

A paisagem era exuberante, para cada canto que eu olhava, era impossível não me emocionar com a força da natureza a minha volta. Nos dias claros dava para enxergar além do horizonte.

Tomei um café às pressas, cuidei das minhas obrigações diárias, desatraquei meu barco do pequeno trapiche e deixei para trás a ilha, navegando em direção ao continente, como fazia uma vez por mês, a fim de receber meu pagamento com o prefeito Richard, visitar mamãe, Thymoth e abastecer-me de combustível

e suprimentos. Mas especificamente, naquele dia, eu precisava ter uma conversa séria com o senhor Gharras, que havia me vendido uma maldita porca doente.

.

.

.

— Eu lhe disse que a porca estava doente. — Disse ao senhor Gharras assim que ele me perguntou pela porca, animadamente, quando adentrei em sua casa no único sítio de Passo Hill.

— De que reclamas, rapaz? Sei muito bem que não lhe falta nada naquela ilha isolada.

— O que me falta o senhor tem de sobra... — Retruquei, pois todos sabiam o quanto minha vida era solitária. — Quero outra porca ou meu dinheiro de volta. Sei que o senhor é um homem justo.

— Certo Flynn. Gertrudes já está com nova ninhada, assim que os leitões desmamarem mandarei Phill entregar-lhe pessoalmente. — Disse Gharras reconhecendo seu deslize.

— Não precisa fazer o garoto atravessar o mar, eu mesmo estarei aqui no próximo mês, como o senhor bem sabe.

— Como preferir.

Assenti com a cabeça e parti, não queria o briguento do Phill em minha casa, em um mês estaria de volta e levaria um leitão comigo, fosse macho ou fêmea. Saí do sítio e fui direto à prefeitura para receber meu pagamento.

— Vossa Excelência. — Cumprimentei Richard assim que entrei em seu gabinete.

— Entre meu jovem rapaz. — O prefeito levantou-se de sua cadeira e veio em minha direção. — Diga-me como faço para ter um filho ajuizado como você? Não sei mais o que fazer com meu garoto Juan. — Ele abraçou-me. — Acreditas que mais uma vez ele se envolveu numa briga? Ontem de madrugada chegou em

casa com um olho roxo e fedendo a bebida.

— Um dia ele amadurece. — Sorri alegremente e suspirei, não queria me demorar, ainda tinha compras para fazer e precisava ver Thymoth. — Bom, só vim dizer que está tudo bem na ilha e agradecer mais uma vez pela oportunidade.

— Não precisa me agradecer rapaz, sei o quanto é dedicado.

Mais uns minutos de conversa banal com Richard e saí da prefeitura com meu pagamento em mãos. Segui direto para o mercantil, comprei meus suprimentos, e enquanto meu barco seria carregado, fui visitar mamãe e Thym. Esse era o momento que mais aguardava quando vinha ao continente. Ver Thymoth e estar ao seu lado por algumas horas, apreciar seu sorriso sincero e ouvir suas histórias sobre a escola e as fofocas da cidade, era tudo o que eu precisava para suportar mais trinta dias de afastamento e saudade. Meu coração já nem cabia mais em meu peito.

Era ansiedade.

— Ah Flynn... Que bom que veio. — Disse mamãe assim que entrei pela porta, ela estava aflita. — Por favor, ajude-me com Thym... Ele vai acabar morrendo nessa cidade maldita. — Ela chorava, e meu coração, que antes palpitava de alegria, comprimiu-se dentro do peito, preocupei-me imediatamente.

Mamãe e Thym viviam às custas do aluguel do consultório que um dia pertenceu a papai. Não era muito e eu os ajudava nas despesas de casa dando a mamãe parte do meu pagamento. Sei que eles viviam uma vida dura, e sei também que dependiam muito da minha ajuda. Por isso meu serviço como faroleiro era tão essencial e eu não poderia falhar com eles, jamais.

Era gratidão.

Já Thymoth, desde minha partida, tinha se tornado um garoto rebelde, vivia se metendo em brigas e confusões, e mamãe não sabia mais o que fazer para controlá-lo. Culpava-me de certa forma por esse comportamento de Thym, sabia que muito era reflexo do sentimento que insistia em se manifestar sempre que estávamos juntos e da saudade que não nos abandonava quando eu partia. Mas eu não poderia, em hipótese alguma, alimentar tal sentimento.

Era errado.

Era inaceitável.

— Diga-me o que houve? Thym se envolveu em outra briga? — Eu sorria, já imaginado a confusão que meu pequeno Thymoth havia se metido.

— Dessa vez foi pior... Você precisa leva-lo, eles vão acabar matando seu irmão. — Ela chorava copiosamente.

— Pelo amor de Deus, mamãe. — Desesperei-me.

— Venha...

Quando adentrei em nosso antigo quarto, não quis acreditar que aquele garoto encolhido numa cama, de corpo esfolado, com um olho roxo, lábio cortado e nariz ensanguentado, era o meu pequeno Thym. Uma dor descomunal pareceu rasgar meu peito. Sofri por ele.

— Thym... — Corri ao seu encontro e sentei-me ao seu lado. — O que aconteceu? — Naquele momento não me importei com a presença de mamãe, eu só queria cuidar do meu pequeno.

Ele encolheu-se e sem me responder, escondeu seu rosto machucado e encharcado de lágrimas. Pousei minha mãe em seu ombro, com cuidado para não feri-lo ainda mais.

— Você tem que leva-lo com você. — Mamãe repetia sem parar. — Faça isso em memória a Andrew, que cuidou de você quando não havia restado ninguém...

— Eu não posso, a senhora sabe... — Olhei para mamãe, aflito, ainda com a mão em cima de Thym.

Estava em meu contrato que eu não poderia levar ninguém para morar comigo na casa da ilha que não fosse legalmente da minha família, e embora todos de Passo Hill soubessem que foram os Ferneghan que cuidaram de mim, eles não eram legitimamente minha família. Eu era legalmente órfão de pai e mãe.

— Por favor... — Mamãe segurou-me pelo braço e me puxou para fora do quarto. Relutei em deixar Thymoth sozinho, mas mamãe insistiu. — Ninguém precisa saber. — Seus olhos eram de súplica.

— Avrydas... Thym não pode ir comigo, a senhora sabe disso.

Eu queria usar de todos os argumentos possíveis para tirar aquela ideia maluca da cabeça de mamãe, mas a verdade é que, no fundo, tudo o que eu mais queria era tirar Thymoth daquela cama e leva-lo para Ilha Pouce comigo. Eu precisava me agarrar na certeza de que, mantê-lo longe de mim, era mais seguro que mantê-lo por perto. Eu não poderia ajuda-lo sem prejudica-lo.

Era pura tentação.

— Ele tem sangue nas calças. — Ela disse tão rápido e logo virou-se de costas, como se não me olhar tornasse a verdade menos dolorosa. Não precisou de mais explicações para que eu entendesse tudo.

Perdi o ar, apertei os punhos com força e tive que me controlar para não extravasar um grito preso na garganta, que me matava por dentro. A dor que antes rasgava meu peito dilacerou meus pulmões. Foi como ter engolido um punhado de terra.

— Quem foi? — Esforcei-me para não desabar.

— Ele não diz.

Adentrei o quarto de Thymoth e sem pedir licença, peguei-o no colo e o levei embora daquele lugar. Thymoth era menor que eu e apesar dos gominhos de músculos que definiam seu corpo, ele era leve como uma pluma. Eu queria matar quem tinha ferido Thym de uma forma tão cruel e suja.

— Para onde estás me levando? — Ele perguntou com o rosto fundo em meu peito e os braços em volta do meu pescoço.

Não respondi, não conseguia elaborar uma frase coerente, eu só conseguia pensar em cuidar de Thymoth e matar quem tinha maculado toda sua inocência. O carreguei até o cais e lá mamãe entregou-me um cobertor enrolado numa trouxa com as roupas de Thymoth. Uma hora de silêncio atravessando um mar revolto e atracamos na Ilha Pouce. A cada onda que chacoalhava meu barco fazia

Thymoth gemer de dor, a cada gemido seu, meu sangue fervia de raiva e sede de vingança.

Amarrei meu barco no trapiche, ajudei Thymoth a sair da embarcação e o levei no colo para casa. Ele estava mudo. Depois de acomodá-lo em minha cama, fui descarregar o barco e guardar os suprimentos. Precisava desocupar a mente dos pensamentos que me tomavam naquele momento. Estar sozinho com Thymoth era perturbador e eu me segurava para não tomá-lo em meus braços de uma forma nada cuidadosa. Após tudo concluído, sentei-me ao seu lado. Alisei seu cabelo. Fechei os olhos com a sensação que aquele gesto causou em mim. Um contato tão pequeno e meu corpo inteiro clamava por mais.

— Diga-me quem foi. — Minha voz era rouca, quase inaudível.

Ele negou com a cabeça.

— Deixe-me só. — Ele pedia. A dor em sua voz me maltratava.

— Por favor, deixa-me cuidar de você. — Eu tentava controlar a emoção, mas a verdade era que eu queria gritar de tanta raiva.

— Não quero te meter nas minhas confusões Flynn...

— Confia em mim, não vou fazer nada contra ninguém, mas eu preciso saber.

Thymoth remexeu-se na cama, seu rosto contraído de dor. Ele buscou meu olhar e mesmo hesitante, jogou a bomba em meu colo.

— Phill, Juan e outros garotos. — Ele gemeu e se encolheu. — Eu não quero mais falar, dói...

— Dói aonde? — Precisei controlar as lágrimas que marejaram meus olhos, imaginando a barbárie que Thymoth havia sofrido nas mãos daqueles garotos covardes.

— Tudo.

.

.

.

Eu sabia o que precisava fazer, precisava cuidar de Thym e amenizar sua dor. Então enchi a banheira e pus a chaleira no fogão para aquecer a água. Sem pedir licença, tirei a roupa de Thymoth e o deixei completamente despido. Ele hesitou de primeira.

— Não faz isso Flynn... por favor. — Ele não queria que eu o visse tão machucado.

— Vou cuidar de você como papai me ensinou. Você querendo ou não.

— Ele não era seu pai, Flynn. Eu não sou seu irmão.

— Você é mais, Thym. Muito mais. — Beijei seu cabelo melado.

Aqueci a água da banheira, carreguei Thym no colo mais uma vez e o coloquei com cuidado na água. Seu corpo se retesou em contato com a água quente, mas logo foi relaxando e não demorou em ele se acomodar confortavelmente na banheira.

Esfreguei seu corpo, tirando o sangue e o barro acumulado em algumas partes, sempre com muita calma e delicadeza para não machucar ainda mais seus hematomas. Joguei água em seus cabelos e os lavei com cuidado e suavidade, fazendo com que Thym relaxasse ainda mais na banheira de água morna. Com um pano úmido limpei o sangue em seu nariz e verifiquei se estava quebrado, felizmente não.

— Ai... — Ele reclamava.

— Não seja manhoso! — Brinquei, queria roubar dele um mísero sorriso, mas foi em vão.

Quando já estava todo limpo e sem sangue aparente, passei sabão entre suas pernas, descendo pelo meio de suas coxas, que ele fechou de leve, me olhando assustado.

— Só preciso saber o quão machucado estais, mas se não se sente à vontade, vou

te respeitar...

Ele baixou os olhos e ficou pensativo por segundos, mas logo assentiu e abriu suas pernas, e me permitiu ir mais longe com meus cuidados. Quando alcancei seu ânus maculado, ele gemeu alto.

— Dói? — Apesar do calor que subia pelas minhas pernas e se alojava diretamente em minha pélvis, tentei me concentrar no sofrimento de Thym e nos cuidados que ele precisava ter.

— Sim... — Sua voz era chorosa, e apesar da dor, ele me permitiu lavá-lo.

Eu rodeava se ânus com cuidado sem pressioná-lo, mas eu precisava sentir se algum vaso ou prega tinha se rompido.

— Posso continuar? — Perguntei quando ele apertou os olhos e virou a cabeça.

— Sim... — Ele gemeu baixinho.

Sentia suas pregas dilatadas e inchadas. Ele estava muito machucado. Podia senti-lo apenas pelo toque. Quando o banho terminou, enxuguei Thymoth com carinho e o levei para minha cama novamente.

— Está frio... — Ele tremia. Seus olhos estavam pesados.

— Vou passar unguento em seus hematomas, depois lhe farei um chá e você irá dormir um pouco.

Ele assentiu, e antes de vesti-lo, untei seu corpo em todas as partes inchadas e avermelhadas, e só quando separei suas nádegas é que pude perceber o tamanho do trauma que Thymoth sofrera. Ele estava mais machucado do que eu pudera imaginar. Tratei do seu ferimento sentindo um ódio crescente dentro de mim. Odiei todos em Passo Hill, odiei o senhor Gharras e o prefeito Richard, mesmo sabendo que ambos não tinham conhecimento dos feitos ruins de seus filhos.

.

.

.

Quase um mês havia se passado e Thymoth já estava totalmente recuperado. Ele me ajudava com a limpeza e manutenção da casa, cuidados com a horta, e sempre me acompanhava no farol. Nas noites de vigila mantinha-se acordado me fazendo companhia, e nas manhãs geladas nos abrigávamos um no outro de frente para a lareira, para uma conversa boba, um cochilo gostoso e um acordar renovador. Eu o ensinei a pescar e a cozinhar, o incentivei a ler os vários livros da minha biblioteca e aos poucos ia lhe ensinando tudo aquilo que aprendera com o Doutor Andrew.

Thymoth era dedicado, se empenhava em aprender tudo que eu lhe ensinara. Não conversávamos sobre o ocorrido e ele me fez jurar que nunca contaria para ninguém nada sobre o que tinha acontecido em Passo Hill. Jurei manter-me calado, mas não jurei esquecer, pois seria humanamente impossível cumprir tal juramento.

Era uma revolta latente.

A paz e a felicidade reinava na Ilha Pouce. Thym aquecia meu coração a cada sorriso que me dava e com tanta facilidade. Foi então que tudo começou, eu e ele iniciamos uma aproximação irrefreável. De repente um passou a ser a extensão do outro, era bom demais tê-lo ali comigo. Sua companhia passou a ser indispensável e necessária. Meus dias deixaram de ser frios e solitários e passaram a ser preenchidos por risos e conversas infindas. Ele me ajudava nas tarefas diárias e eu o ensinava coisas da vida, principalmente a se defender, e foi numa dessas lutas que a aproximação deixou de ser irrefreável e passou a ser impactante.

Era um dia raramente quente na Ilha Pouce, a terra estava molhada pela noite de chuva, no céu não havia nuvens e o sol aquecia o dia, reinado solitário acima de nossas cabeças. Eu ensinava Thymoth a lutar, estávamos apenas de calção, peito nu e suor minando de nossos corpos, quando escorregamos na grama ainda úmida e meu corpo caiu sobre o dele. O susto de um ter machucado o outro foi nossa primeira reação, seguida de uma risada infinita pelo desastre que tinha sido nosso treino, mas logo nossos olhares se prenderam, a risada cessou, o coração disparou dentro do peito e nossos lábios se encontraram num beijo voraz, impensado, cheio de desejo. Foi a primeira vez que nos permitimos ter um contato íntimo, depois do banho em que tratei seus ferimentos não havia tocado

em Thymoth de uma forma que pudesse dar más interpretações sobre minha conduta, mas a vontade ultrapassou todos os limites e barreiras que tinha imposto a mim mesmo, e aquele beijo foi apenas o gatilho para uma relação que transbordava amor.

Ali, a céu aberto, ao som das ondas e sob um sol agradavelmente quente, fizemos amor pela primeira vez. Do beijo que começou com curiosidade e desejo, veio a vontade e a necessidade do ter, do ser e do pertencer. Não foram necessárias palavras para um entender o que o outro queria. Quando meus lábios desgrudaram dos seus, vi em Thymoth a minha razão de viver. Minhas mãos acariciavam seus cabelos negros e macios enquanto as suas faziam um carinho suave em minhas costas. Selei seus lábios com os meus uma vez, duas vezes e na terceira vez eu o devorei.

Devorei seus lábios, seu pescoço, seus mamilos e fui o devorando até meus lábios encontrar o cós da sua calça. Ele acariciava e puxava meus cabelos enquanto seus gemidos de satisfação se misturavam aos sons da natureza a nossa volta. Era o nosso mundo, e precisávamos seguir adiante para sermos plenos naquele pequeno pedaço do paraíso.

— Thym... — Fiquei hesitante, não sabia até que ponto as lembranças de Thymoth seriam uma barreira para o nosso amor. — Não precisa se não quiser.

— Não pare agora Flynn... — Ele implorava. — Apague aquelas malditas lembranças com seu corpo no meu.

— Não quero te machucar...

— Por favor, me machuque. Faça-me seu. Faça-me esquecer.

E sem pensar duas vezes arranquei o calção de Thymoth, deixando-o completamente nu e disponível para mim. Seu cheiro de homem era divino, seu membro estava teso e da sua glande a baba do desejo minava pela fenda. Lambi seu pré-gozo como quem lambe um mel dos deuses. Os gemidos de Thymoth me incitavam e sem consegui resistir a tentação que me acometia, enfiei todo seu volume dentro da boca, mesmo sem saber exatamente como aquilo iria funcionar. Mas pelas reações do seu corpo, podia ver que estava dando certo.

Eu o lambia desde a glande até a base, contornando suas veias e voltava para a glande. Sabia que Thym era virgem, que seu membro nunca havia sido tocado

por ninguém, e por isso me senti dono de todo aquele monumento duro e rosado. E quando ele começou a dar sinais de que estava chegando ao limite, eu parei de chupá-lo e me dediquei em sua entrada.

— Prometo ser gentil. — Disse quando empurrei suas coxas para cima, deixando seu ânus livre para receber meus carinhos. Eu arfava, meu membro pulsava dentro do calção.

— Por favor... — Ele gemia e sussurrava.

Ajoelhei-me entre suas pernas, empurrei o quadril de Thymoth para cima, sentei-me sobre meus calcanhares, lacei suas coxas com meus braços e o puxei de encontro à minha boca, de modo que suas costas ficaram em cima das minhas coxas. Em sua bunda tinha algumas graminhas grudadas, mas seu ânus estava limpinho e totalmente disponível para mim. Afundei meu rosto bem no meio. Comecei a lamber avidamente sua entrada. Ele revirou os olhos e gritou de prazer, me incentivando a ir mais além, e além, sem me importar com o que tinha acontecido semanas atrás. Eu lambia, mordia as laterais e sugava aquele buraquinho rosinha que eu tinha desejado tanto e por tanto tempo. Eu puxava as bandas da bunda de Thym deixando sua entrada bem aberta enquanto minha língua saboreava cada pedacinho daquele lugar. Ele gemia, gritava e choramingava, mas não de dor, era prazer, era um prazer que ele nunca tinha sentido, e eu podia perceber pelas reações do seu corpo, pelas pernas que tremiam ao ar, pelo seu membro que pulsava e babava, pelo seu saco encolhido, pelos bicos dos seus peitos retesados.

— Flynn... — A cabeça de Thymoth ia de um lado a outro. Suas bochechas estavam vermelhas, seus lábios úmidos e separados, seus olhos apertados. Seus gemidos eram de agonia, de quem precisava ser possuído.

Quando segurei seu membro, sem masturbá-lo, Thym arqueou as costas e urrou, mas ainda não queria fazê-lo gozar, então empurrei seu quadril para cima e para frente, fazendo seu corpo girar numa cambalhota e quando ele caiu de joelhos bem na minha frente, seus olhos estavam assustados, mas logo um sorriso divertido apareceu em seus lábios e nós nos tomamos num abraço e num beijo alucinante e desesperado. Enquanto ele segurava minha cabeça e reivindicava minha língua na sua, eu baixei meu calção até os joelhos. Nossos membros tesos se colaram e foi como uma torrente de calor atravessando meu corpo. Não resisti ao meu desejo e pus Thymoth de quatro bem na minha frente.

— Se doer me fala, está bem?

— Sim. — Ele sussurrava, mas seus gemidos diziam que estava com medo.

— Tem certeza que posso ir além? — Eu acariciava a pele branca de sua bunda e ligeiramente melada de terra e grama. — Eu te amo demais meu pequeno, não quero te fazer sofrer.

Ainda tinha dúvidas se deveria ou não ir adiante, pois sabia que seria um caminho sem volta. Se Thymoth fosse meu, então seria para sempre.

— Sofrer é viver longe de você Flynn...

— Oh meu Deus... — Vociferei entre dentes.

E sem pensar em mais nada, cupi na mão e lubrifiquei meu membro ereto e desesperado, depois me posicionei na entrada de Thym e fui aos poucos invadindo seu ânus. Ele gemia alto, eu abria sua entrada, puxando as bandas da bunda para os lados, forçando devagar, cauteloso para não machuca-lo além do necessário, ansioso para me abrigar ali dentro, até que meu membro estava totalmente encaixado nele. Abracei seu corpo suado e melado de terra e alcancei seus lábios para um beijo apaixonado. Toquei seu membro e acariciai a glande, espalhando o pré-gozo por ali, incentivando-o a não desistir de mim. Thymoth arfava incontrolavelmente e quando seus gemidos de dor estavam mais amenos e eu sentia meu membro sendo mordido pelo seu ânus pulsante, comecei as estocadas.

Segurei Thymoth pela cintura e ali mesmo, melados de barro e grama, eu e ele nos amamos como dois serem que se pertenciam. Como dois animais selvagens. A natureza, os sons, o sol, o céu, foram testemunhas de um amor incontrolável entre dois homens que não viam problemas em se amar, por que o sentimento era forte demais. Quando finalmente gozei dentro do meu pequeno, ainda com as pernas tremulas e o coração disparado no peito, segurei o membro de Thym e o fiz sentir o mesmo prazer que havia sentido, o de gozar livremente, sem culpa, sem dor, apenas prazer e depois exaustão. Ele urrou de prazer e gozou em seguida, comigo ainda enterrado nele. Foi incrível, e ali mesmo fizemos juras eternas.

Naquela ilha inóspita, daquele dia em diante, seríamos só nos dois, para sempre.

Era amor.

.

.

.

Eu e Thymoth deixamos de ser dois irmãos e passamos a ser dois amantes, completamente apaixonados e dependentes um do outro. Nossas noites eram quentes, Thymoth sabia tocar meu corpo como nenhuma outra pessoa jamais tocaria, e ele se entregava a mim como nenhuma outra pessoa no mundo se entregaria. Éramos um do outro, completos e felizes. Suas lembranças ruins foram substituídas por noites de carinho e amor, e eu sempre procurava ser o mais gentil com ele, lhe cobrindo de todo afeto que ele merecia.

Mas chegou o dia de voltar ao continente.

— Por favor, deixe-me ir. — Thymoth insistia para ir comigo, seus olhos estavam aflitos, mas era mais prudente deixa-lo sozinho que leva-lo comigo.

— Não Thym. É melhor você ficar. — Queria evitar especulações e fofocas. E em meio às lágrimas de saudade que ele derramava por mim, prometi que em algumas horas estaria de volta.

Tentei ser imparcial com Richard e não o envolver na confusão que seu filho tinha feito na cabeça de Thym e na crueldade ele o submetera. Foi difícil segurar a língua e minha visita à prefeitura foi a mais breve de todos os tempos.

— Tem certeza que precisa mesmo ir tão rápido? — Richard perguntou.

— Sim... Quero aproveitar o sol para estocar lenha. — Disse secamente, recebi meu pagamento e fui visitar mamãe.

Ela ficou feliz em saber que Thymoth estava bem e eu prometi que em breve ele retornaria para casa, mesmo sabendo que era mentira. Thymoth jamais voltaria para aquela cidade. Ele me pertencia e a Ilha Pouce era seu novo lar

Deixei mamãe com a promessa de que a levaria para passar uns dias na ilha comigo e Thym e fui comprar suprimentos e combustível para mais um mês de

isolamento. Depois segui para o sítio do senhor Gharras a fim buscar minha porca.

— Flynn! — Gharras sorria abertamente e me recebeu com um enorme abraço, no qual foi difícil de retribuir. — Então, veio me agradecer pela porca?

— Como poderia agradecer por algo que ainda não recebi?

— Não recebeu? — Uma ruga de preocupação surgiu na testa de Gharras, ele me segurava pelos braços e eu tentava sorrir. — Meu menino Phill não lhe entregou a porca como eu mandei? Ele zarpou para a ilha já faz algumas horas

Senti todo o sangue de minhas veias desaparecerem. Minhas pernas quase fraquejaram. Esforcei-me para falar, pois minha garganta secou.

— Phill foi para Pouce? — Perguntei quase sem voz.

— Sim. Ele, Juan e mais dois amigos.

— Ah não... Thymoth! — Meu coração disparou.

Saí correndo do sítio em direção ao meu barco. Nada passava pela minha cabeça senão Thymoth sendo violentado por aqueles infelizes novamente. As cenas do dia em que ele chegou, totalmente machucado, se misturavam com os dias felizes que passamos juntos, eu não conseguia conter a agonia que sentia em meu peito ao pensar em Thymoth sofrendo todas aquelas barbáries. As lágrimas já embaçavam minha visão quando cheguei ao cais, desatraquei meu barco já carregado de suprimentos e remei desesperadamente em direção à ilha. Cada remada meus braços ardiam e meu peito rasgava. Eu precisava chegar logo, Thymoth corria perigo.

Quando cheguei à ilha, mal consegui amarrar meu barco e saí em disparada à procura de Thymoth. Meus pés queimavam e meus músculos já nem me obedeciam mais, de tão fatigado que eu estava.

Era exaustão.

— THYYMMMM... — Berrei com todas as forças do meu pulmão quando meus olhos percorreram toda extensão da casa e não o avistei. — THYYMMMM...

Ouvi gritos e gargalhadas vindos do alto da colina. Chutei a porta traseira da casa. Transformei-me num verdadeiro demônio enfurecido quando vi Thymoth no meio do bando, sem camisa, caído de quatro no chão enquanto um deles o puxava pelos cabelos. O sangue que corria em minhas veias virou combustível. Arranjei forças não sei de onde e quando dei por mim, já estava esmurrando o garoto do senhor Gharras e o filho do prefeito. Um deles tinha uma faca na mão que rapidamente foi arrancada, eu queria mata-los, ainda cheguei a cortar o rosto de Phill quando ele partiu para cima de mim. Não seria uma luta justa, pois eram quatro contra um, mas a ira que tomava conta do meu ser me fez virar um gigante enfurecido e destemido. Meus olhos deviam ser os mais perversos do universo, pois os rapazes rapidamente desceram correndo a colina e no instante seguinte já estavam zarpando para o continente.

Abracei Thymoth com tanta força que era como se sua vida dependesse daquele abraço. Ele tremia e se abraçava a mim como se eu fosse seu barco no meio de uma tempestade em alto mar. Desci a colina com Thymoth em meus braços, com as pernas trêmulas e lágrimas nos olhos, sentindo-me culpado por não estar presente quando ele precisou.

Ele estava sujo de lama e seu rosto marcado por uma roncha vermelha.

Minha culpa.

— Me perdoa. — Implorei assim que entramos em casa.

— Você não teve culpa. — A mágoa em sua voz era palpável. Ele ainda soluçava assustado. Se ele estava triste, eu estava arrasado.

— Eu devia imaginar... — Eu o abracei com tanta força que ele gemeu. — Eu prometi que cuidaria de você.

— Então cuida Flynn... Banhe-me como a primeira vez, me aqueça em seus braços, acalme meu corpo e meu coração, só você consegue curar minhas feridas. — E apesar dos seus soluços terem cessado, lágrimas ainda escorriam insistente de seus olhos.

— Claro meu amor... Tudo o que você quiser, eu farei por você.

Então preparei nosso banho e entrei na banheira com ele. Estávamos mais calmos e relaxados, Thymoth em meus braços, recostado em meu peito. Mas

apesar da calma do ambiente, meus pensamentos me perturbavam. Naquele dia eu temi pela repercussão de todo o ocorrido, não demoraria e o prefeito descobriria que Thymoth estava morando comigo. E eu jamais me separaria dele novamente, mesmo que para isso tivéssemos que abandonar a ilha e Passo Hill para sempre.

.

.

.

Dois dias após o ocorrido e um barco atracou na ilha, do alto da varanda eu podia identificar que eram: o delegado, o prefeito e o senhor Gharras. Minha vontade era expulsá-los dali, mas eu não poderia, a verdade é que a Ilha Pouce não me pertencia.

Preveni Thymoth a ficar de boca fechada e deixar apenas que eu falasse, era mais prudente. Quando todos entraram na sede da ilha, os olhos do prefeito varreram o local, inspecionando cada canto daquela casa. Graças a Deus, eu e Thymoth éramos muito cuidadosos com nosso lar. Mas logo os olhos do prefeito alcançaram Thymoth sentado num canto.

Mandei os senhores se sentarem, preparei chá e servi broa de milho para todos. A conversa começou banal e despretensiosa, até que o assunto sobre Thymoth estar morando comigo veio à tona.

— Ele terá que partir conosco. Você sabe que o garoto não pode ficar aqui, ele não é da sua família. — Disse Richard.

— Mas é como se fosse. — Bradei. Um nó se formava na minha garganta, eu não podia mais imaginar uma vida sem Thymoth ao meu lado.

— Flynn, o fato de você ter sido criado pelos Ferneghan não faz dele seu irmão. Você o trouxe para cá mesmo sabendo das regras.

Thymoth estava tão amedrontado que sentia pena. Ele sabia que voltar para Passo Hill seria seu fim e minha ruína.

Foi quando tomei a decisão de revelar tudo, mesmo sabendo que Thym

poderia me odiar, mas essa era a minha única arma e nossa única chance, e as vantagens estavam do nosso lado.

— Vocês querem saber por que eu trouxe Thymoth para morar aqui? — Perguntei para os três, como se Thymoth não estivesse ali.

— Flynn, não. — Pude sentir a dor na voz embargada de Thym.

— Os fins não justificam os meios. — Disse Gharras com ódio no olhar. Sei que ele jamais me perdoaria pelo corte no rosto de Phill, mas eu jamais perdoaria Phill pelo o que ele fez a Thymoth.

— Thymoth foi brutalmente agredido por Phill, Juan e os outros rapazes. Quando eu o trouxe para cá, ele mal conseguia andar. Aqui ninguém vai fazer com ele o que fizeram em Passo Hill.

— Brigas de garotos acontecem, Thym precisa aprender a se defender. — Disse o delegado.

— Se Thym tiver que voltar... — Falei especificamente para o delegado. — Então prestarei queixa contra os garotos.

— Isso é desnecessário. Os meninos não vieram aqui para arrumar confusão. Foi um evento isolado e desagradável. — O prefeito riu nervosamente, ele sabia que ter a ficha suja seria ruim para a carreira política do filho.

— Phill e Juan não só agrediram Thymoth...

— Flynn, você prometeu. — Insistia Thym.

— Não foi uma briga de garotos, Juan e Phill baixaram as calças de Thym e o violentaram. Além dos hematomas e um rosto desfigurado, ele chegou aqui com a calça suja de sangue e uma alma marcada pela crueldade e perversão de seus filhos. E ontem, eles o estavam arrastando colina acima, quase desnudo, como se fosse um animal.

— Isso não é verdade. — A cor tinha sumido dos lábios de Gharras.

— Sim, é verdade, eu jamais inventaria uma história tão absurda. Mas se os senhores duvidam de mim, perguntem a Thymoth.

Os olhos dos três alcançaram Thymoth, ele se encolheu e uma lágrima escorreu pelo seu rosto. Eu queria toma-lo em meus braços, enxugar aquela lágrima e lhe cobrir de afagos. Temi que ele me odiasse.

— Agora me digam se eu posso deixar meu irmãozinho voltar para Passo Hill. Mamãe não pode defendê-lo, ele só tem a mim.

Um silêncio constrangedor se fez, e foi o delegado que tomou a palavra.

— Bom Vossa Excelência... — Ele se dirigia ao prefeito. — Acredito que contratos podem ser refeitos, mas é o senhor quem decide. Eu posso abrir uma ocorrência agora mesmo contra Phill, Juan e os outros garotos...

— Não será necessário. — O prefeito limpou a garganta. — Vou refazer o contrato de Flynn.

— Por tempo indeterminado. — Falei, e Thymoth, que até o momento evitava me olhar, cresceu seus olhos na minha direção.

— Sim, claro... — Disse o prefeito. — E Thymoth, como seu irmão de criação, poderá residir com o senhor sem maiores problemas.

— Quero deixar claro que também trarei mamãe para morar conosco.

— Isso é uma audácia! — Bradou o perfeito.

— Além do mais... — Continuei sem dar atenção à sua revolta. — É meu dever proteger a ilha e toda sua extensão, e caso seja atacada por invasores novamente, que eu tenha plena liberdade de defender meu território, da forma que for.

— Eles não são invasores, são moradores de Passo Hill... — Interveio Gharras.

— É justo. — Disse o delegado olhando para mim, sem se importar com os protestos de Gharras. — Se aqui é sua casa então você tem todo o direito de defende-la.

— Seria adequado que esta conversa de cavalheiros nunca saísse desta ilha. — Disse Gharras por fim, cabeça baixa e olhos inexpressivos.

— Por mim, caso encerrado. — Disse e todos concordaram.

Acompanhei os três até o barco e enquanto voltava para casa, imaginava uma forma de fazer Thym me perdoar por revelar seu segredo, mas fui tomado pelo seu abraço assim que adentrei pela porta. Foi tão inesperado que demorei segundos para abraça-lo de volta.

— Agora seremos somente nós dois? Para sempre? — Ele perguntou-me.

— Sim... — Segurei seu rosto entre as mãos. — Apenas nós dois. E em breve mamãe. — Beijei seus lábios delicadamente.

— Será que ela vai se importar, digo, com nós dois? — Ele me perguntou preocupado.

— Com certeza não, mamãe se não sabe, desconfia. E morar aqui ao invés daquela minúscula casa em Passo Hill não é nada mal. — Eu sorri feliz.

— Claro que não. Eu te amo, Flynn.

Suas palavras fizeram meu coração acelerar e um sorriso largo e bobo aparecer em meus lábios.

— Eu também te amo, meu pequeno Thym.

No instante seguinte Thym enlaçou suas pernas em minha cintura. Seus olhos fixos nos meus e seu olhar era de quem amava incondicionalmente, mas não apenas isso, tinha um brilho diferente, de esperança, de vida nova, de um prazer advindo da realização de algo antes muito desejado, de sermos só nós dois, para sempre.

Era satisfação.

Nossos lábios secos e sedentos se encontraram e se devoraram. Bilhões de pequenas conexões explodindo em nossas bocas e a certeza de que nada nem ninguém jamais iria nos separar. Lábios e pele, músculos e tensão, desejo e prazer, e com Thymoth enlaçado em minha cintura o conduzi para a mesa de jantar, o coloquei com pressa no chão, virei-o de costas para mim, empurrei seu torso de encontro a mesa, abaixei suas calças e afundei meu rosto no meio das bandas da sua banda branca e deliciosa, lambendo e saboreando seu buraquinho

rosado e tão apertadinho. Ele gemia e se contorcia, e eu o estimulava passeando minha língua por toda extensão do seu membro teso, períneo e ânus. De joelhos no chão, eu me deliciava com cada pedacinho daquele corpo miúdo e tão meu. Meus dedos entravam e saíam do seu ânus enquanto seu membro estava enterrado em minha boca, deixando um rastro de pré-gozo em minha língua, e quando seus gemidos se intensificaram e suas pernas começaram a tremer, pus-me de pé, me posicionei em sua entrada e o preenchi com toda a robustez que eu sabia que possuía. A cabeça de Thymoth se empertigou e um urro doloroso e prazeroso rasgou sua garganta. Logo as estocadas começaram e nós nos amamos da maneira mais perfeita que um casal apaixonado poderia fazer. Suávamos e gemíamos, e quando eu alcancei o membro de Thym com a mão, estava pingando de tanta vontade.

— Toque-se meu pequeno Thym. Vamos chegar ao ápice juntos... — Disse enquanto beijava suas costas.

— Sim... — Ele imediatamente atendeu meu pedido e começou a manipular seu membro enquanto eu entrava e saía do seu ânus com uma vontade arrebatadora.

Não demorou e Thym gemeu alto e seu ânus começou a me morder quando a porra espirrou de seu pau. O estímulo foi tão intenso que gozei em seguida, tombando minha cabeça para trás e soltando um berro que rasgou minha garganta. As estocadas cessaram em seguida e eu desabei sobre as costas suadas de Thym. Estávamos desfalecidos, nossas mentes em curto circuito enquanto nossos corpos quentes tremiam e relaxavam.

— Flynn...

— Thym...

Foi o som que conseguimos emitir após alguns segundos. Depois levantamos, tomamos um banho relaxante e seguimos com nossas vidas do jeito que tinha que ser. Eu, Thym e mamãe, que não se opôs em morar conosco e nos apoiou incondicionalmente. Ela passou a ser a nossa guardiã e protetora para sempre.

Nunca soube ao certo os motivos que levaram meus pais a saírem da Inglaterra para morar numa terra tão longínqua e subdesenvolvida, mas a verdade é que, não haveria lugar melhor no mundo para um homem como eu

constituir uma família. Ilha Pouce era o meu refúgio, uma ilha inóspita que abrigou o amor de dois homens, um segredo guardado para toda eternidade.

FIM

Sobre a autora

J. V. Leite, casada, mãe, formada em Administração, com MBA em Gestão de pessoas e Consultoria, é paulista, mas mora em Recife/PE.

Começou a escrever em 2015 e encontrou na escrita uma grande paixão. Suas obras fazem parte da literatura LGBT e diante de um cenário de mudanças de paradigmas, a autora acredita que a sociedade deva se tornar cada vez menos preconceituosa e discriminatória e a ordem deva ser a aceitação e a convivência.

“Escrevo romances que provam que o amor não tem forma, não tem corpo, vem de dentro pra fora e que vale a pena lutar por aquilo que se acredita e se deseja.”

Outras obras da autora

- High Definition — O amor não tem gênero (Duologia HD — Livro 1)
- Full HD — O amor não tem medida (Duologia HD — Livro 2)
- CADU
- Clube da Moto

Redes sociais

Encontre a autora J. V. Leite;

- Wattpad (@JVLeite)
- Facebook (/AutoraJVLeite)
- Instagram (@julivleite)
- Twitter (@AutoraJVLeite)
- **E-mail:** autorajvleite@gmail.com